

**A GRAMMATICA PORTUGUEZA, DE JÚLIO RIBEIRO,
À LUZ DA HISTORIOGRAFIA LINGÜÍSTICA³⁴**

Cleide Melo (UFF)
cleidemelo@id.uff.br

RESUMO

A gramática portuguesa de Júlio Ribeiro confere um papel inovador na gramatização brasileira no século XIX, tanto a obra como o autor figuram como elementos emblemáticos desse momento histórico para estudos linguísticos no Brasil. Neste trabalho pretende-se interpretar e comentar as páginas iniciais da *Grammatica portugueza* (1885) e tecer comentários a respeito das concepções linguísticas do autor com base ns princípios de Konrad Koerner (2014).

Palavras-chave:

Historiografia Linguística. Júlio Ribeiro. Gramatização do século XIX.

RESUMEN

La gramática portuguesa de Júlio Ribeiro confiere un papel innovador en la gramatización brasileña del siglo XIX, tanto la obra como el autor son elementos emblemáticos de este momento histórico para los estudios lingüísticos en Brasil. En este trabajo pretendemos interpretar y comentar las páginas inicales de la *Grammatica portugueza* (1885) e comentar las concepciones lingüísticas del autor com base en los principios de Konrad Koerner (2014).

Palabras clave:

Historiografía lingüística. Júlio Ribeiro. Gramatización del siglo XIX.

1. Introdução

Neste trabalho, pretendemos interpretar e comentar as páginas iniciais da segunda edição da *Grammatica portugueza* (1885) de Júlio Ribeiro. Autor consagrado nos estudos da gramatização do português brasileiro, destaca-se por suas concepções linguísticas com base em ideias positivistas atuando, com expressivo impulso, como um propagador dos modelos científicos, concebendo a língua semelhante ao ser vivo, tornando-se um marco do “período científico” (CAVALIERE, 2002).

Nosso estudo resume-se em uma análise historiográfica dos textos que se encontram nas páginas iniciais da gramática portuguesa de 1885, correspondentes, principalmente, à folha de rosto, à epígrafe e ao prefá-

³⁴ Agradeço à CAPES pelo fomento.

cio. Decidimos, antes disso, tecer uma breve descrição da obra enquanto material físico, além de expor um pequeno comentário a respeito da estrutura organizacional. Essa abordagem é feita com embasamento em Konrad Koerner (2014) no eixo da Historiografia Linguística. Com base em suas teses, o estudo do texto antigo deve ser pautado em uma metodologia adequada, que interprete fidedignamente a obra analisada, respeitando os princípios da contextualização, imanência e adequação (KÖERNER, 2014, p. 58).

2. A importância de Júlio Ribeiro na gramatização do século XIX

A gramática portuguesa de Júlio Ribeiro é parte do *corpus* de nossa dissertação de mestrado, que se encontra em andamento, cuja investigação visa ao estudo verbal em cinco gramáticas do século XIX. Neste artigo decidimos focar no texto de Ribeiro, sobretudo as primeiras páginas que apresentam ao público leitor suas ideias inovadoras em face do pensamento gramatical da época. A escolha dessa obra deu-se pelo fato dela inaugurar um novo paradigma gramatical brasileiro no século XIX e por apresentar o método histórico-comparativo na descrição do vernáculo. Coube a Júlio Ribeiro introduzir nos estudos gramaticais brasileiros os parâmetros científicos.

O termo gramatização refere-se à obra *A Revolução Tecnológica da Gramatização*, em que Sylvain Auroux conceitua-o como “o processo que conduz a descrever e instrumentar uma língua na base de duas tecnologias, que são ainda hoje os pilares de nosso saber metalinguístico: a gramática e o dicionário” (AUROUX, 1992, p. 65). Esse processo é considerado por ele um marco na história da humanidade: “trata-se propriamente de uma revolução tecnológica que não hesito em considerar tão importante para a história da humanidade quanto a revolução agrária do Neolítico ou a Revolução Industrial do século XIX” (AUROUX, 1992, p. 9). Na referida obra, ele traça um panorama histórico sobre o desenvolvimento das concepções linguísticas de um período que vai do século V ao XIX, em que ocorre o processo da gramatização massiva das línguas do planeta, que é a segunda revolução técnico-linguística, considerando como a primeira, a escrita.

No Brasil é Júlio Ribeiro que inicia a gramatização do português brasileiro, porquanto, não há poucos estudos relacionados a ele. Impressiona a quantidade de teses, dissertações, inúmeros artigos que tratam sobre sua vida e obra, suas concepções, conflitos pessoais, diversas ques-

tões, que envolvem sua atividade na política, na sociedade e na linguística. Seus textos, concepções e atuação como gramático, romancista, jornalista e filólogo no Brasil servem de objeto de estudo a diversos pesquisadores.

Vejamos algumas definições sobre essa personalidade tão polêmica, a começar por Silva (2010), que destaca a natureza sarcástica de Ribeiro e sua inclinação ao modelo científico, que aflorava no século XIX:

Tendo publicado sua célebre *Grammatica Portuguesa* em 1881 – que, por ser de herança positivista, consolida no Brasil uma concepção da linguagem como conjunto de regras científicas, positivas, as quais devem ser seguidas como normas prescritivas invariáveis –, Júlio Ribeiro desde cedo envolveu-se nas mais diversas disputas acerca de fatos linguístico-gramaticais e literários, destacando-se como um dos mais inspirados e sarcásticos polemistas da virada do século. (SILVA, 2010, p. 65)

Em Marins (2011), encontramos um destaque às concepções científicas do autor:

Júlio Ribeiro inaugurou o modo de encarar os fatos gramaticais como método de investigação científica, modernizando os estudos dessa área, partindo do exame objetivo e imparcial da realidade idiomática, afastando as orientações do ensino de nossa língua materna da gramática filosófica. (MARINS, 2011, p. 30)

Cavaliere, em síntese, diz: “Júlio César Ribeiro Vaughan foi, sem dúvida, uma das personalidades mais controversas e inquietantes do cenário político-cultural brasileiro na segunda metade do século XIX.” (CAVALIERE, 2016, p. 96).

Diante de tantas colocações e definições sobre a figura de Ribeiro e sua obra, qualquer consideração adicional seria redundante e não se afastaria das acima expostas, preferimos apegar-nos às próprias palavras do autor, para defini-lo, mostradas em sua própria obra. Os textos de Ribeiro revelam conhecimento, objetividade, quanto ao que se pretende teorizar e apresentam uma postura incisiva no que se refere às críticas recebidas de outros gramáticos e estudiosos de sua época.

Em resumo, sua personalidade e atuação como gramático evidenciam a pessoa forte, segura, destemida que demonstra ser, com fôlego e pronta para defender suas ideias. A exemplo disso, citamos o seguinte:

Com efeito, á parte os trabalhos monumentais de Adolpho Coelho, de Theophilo Braga e de Pacheco Junior (trabalhos desgraçadamente pouco vulgarizados), o que vem á luz em Portuguez sobre grammatica é repetição do que disse Sotero dos Reis, que repetiu o que disse Soares Barbosa, que repetiu o que disse Lobato, que repetiu o que disse o padre Bento Pe-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

reira, que repetiu o que disse Amaro de Roboredo, que repetiu o que disseram os Affonsinhos, que repetiram o que lhes ensinou Noé, que o aprendeu de Mathusalem, que o aprendeu de Henoch, que o aprendeu de Seth, que o aprendeu de Adão! (RIBEIRO, 1887, p. 38)

Extraídas da obra *Questão Gramatical* (1887), as palavras do autor, opostas à doutrina da gramática filosófica, são irônicas e causam uma situação desconfortável entre os que eram julgados por ele. Ao expor esses autores, reduzindo suas gramáticas a cópias de cópias, Ribeiro inicia uma longa disputa entre os envolvidos. Essa discordância é levada adiante por Augusto Freire da Silva, que se sentiu afrontado pelas colocações de Ribeiro, defendendo suas ideias e de seus pares.

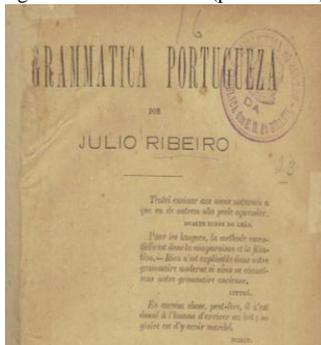
Esse confronto elucida o embate que se formou entre duas doutrinas gramaticais presentes naquele momento histórico: a gramática racionalista, baseada nos estudos filosóficos, e a científica que despontava com as publicações de Ribeiro, duas vertentes em concorrência no contexto da gramatização do Brasil.

3. *Leitura interpretativa da folha de rosto da gramática em estudo*

Nesta parte, apresentaremos uma breve descrição do detalhamento físico e das divisões e subdivisões em que a obra está organizada, em seguida, teceremos um comentário sobre as descrições à luz da Historiografia Linguística.

3.1. *Breve detalhamento físico*

Figura 1: Folha de rosto (parte inicial).

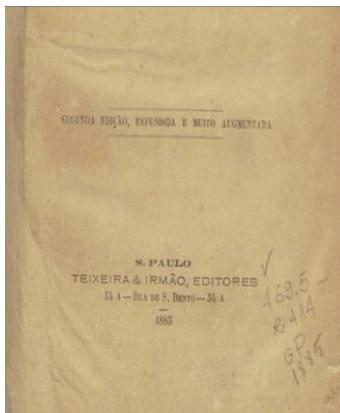


Fonte: Júlio Ribeiro (1885).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

A folha de rosto apresenta-se conforme a seguinte descrição: Grammatica portugueza/por/Julio Ribeiro/vinheta/epígrafe de Duarte Nunes Leão, Littré e Guizot/vinheta/segunda edição refundida e muito augmentada/ São Paulo/ Teixeira e Irmão, editores/ 54 A – Rua de S. Bento – 54 A/ vinheta/ 1885. Do lado superior direito, há o carimbo da Biblioteca do Senado, da República dos Estados Unidos do Brasil.

Figura 2: Folha de rosto (parte final).



Fonte: Júlio Ribeiro (1885).

O livro é a segunda edição de 1885, publicado em São Paulo e editado por Teixeira e irmão, pertencente à Biblioteca do Senado Federal e acha-se registrada sob o número 1013 do ano de 1943.

As quatro primeiras páginas não são numeradas e correspondem, na ordem, à folha de rosto (1ª), a um texto alertando contra a reprodução fraudulenta da obra (2ª), a um texto de reverência a Luiz de Camões, Friedrich Diez e a Émile Littré (3ª e 4ª). Em seguida, o prefácio, escrito em cinco páginas, numeradas em romanos de II a V, apresenta as principais ideias do autor. Após essas páginas, temos as que são numeradas em algarismos indo-arábicos (de 2 a 362) na parte superior do lado esquerdo de cada uma. Essa paginação inicia-se na página que corresponde à sexta do livro. O livro é dividido em duas grandes partes, ‘Parte Primeira’ e ‘Parte Segunda’, em cada uma há várias subdivisões, descritas a seguir. A *Parte Primeira* é composta pelo *Livro Primeiro* e pelo *Livro Segundo*, o último trata dos elementos mórficos das palavras e é composto por três seções, a Taxionomia, Campenomia ou Ptoseonomia e Etimologia e o primeiro expõe os elementos materiais das palavras, que tratam da fonética, prosódia e da ortografia. A *Parte Segunda* é composta por ‘livros’

também, do *Livro Primeiro* ao *Livro Quatro*. O primeiro trata da sintaxe léxica; o segundo, sintaxe lógica; o terceiro, das regras da sintaxe; e o quarto trata dos adiantamentos e anexos.

3.2. *Leitura comentada*

As observações e análises feitas a partir dessa breve descrição conferem um papel primordial no trabalho historiográfico, pois pinçando um elemento aqui e outro ali, adicionam-se informações necessárias à investigação do material, por conseguinte, o trabalho vai resultando numa excelente fonte de contribuição para a comunidade acadêmica em termos historiográficos. Neusa e Batista (2016) buscam refletir sobre as definições e horizontes a respeito da prática historiográfica, encontrando agasalho nas reflexões de Bloch (2011) e Swiggers (1991), sobre o ofício do historiador:

O movimento é semelhante ao do arqueólogo, já que, como este, o historiógrafo não retira a “terra” em busca somente de vestígios por eles mesmos, mas afasta a poeira dos saberes solidificados em posicionamentos canonizados para compreender estágios de formação e desenvolvimento do conhecimento sobre a linguagem, tendo em mente interpretações que possam ampliar nossa percepção dos alcances do passado em relação com preocupações do presente, em um movimento contínuo de retroalimentação, e não de imediata causalidade ou implicação, caracterizando, assim, a atividade histórica como uma busca direcionada por interrogações e problematizações. (BASTOS; BATISTA, 2016)

A metáfora da arqueologia do saber linguístico, em que o pesquisador precisa escavar nas camadas mais superficiais para atingir com profundidade o que está aparente, revela uma imagem do ofício do historiador. É olhando com mais atenção as epígrafes da página em estudo, que colocamos em prática esta atividade, sendo possível escavar mais fundo e deprender alguns efeitos de sentido que o autor pretende provocar no leitor. É com o movimento ‘semelhante ao do arqueólogo’ que se alcança a resposta para questão ‘qual era a intenção de Ribeiro em seu texto?’.

Ribeiro escolheu alguns textos para colocar nesta parte inicial de sua gramática. Esses textos são sinais da pretensão de remeter-se a personalidades célebres, consagradas no âmbito das línguas vernáculas. Ao epigrafar Duarte Nunes Leão, Camões e Littré, Ribeiro confere à sua obra prestígio de um saber intelectual. Uma das epígrafes é dedicada ao grande nome da língua portuguesa, Camões, fato que demonstra total

apreço à língua e seus representantes consagrados. O nome de Émile Littré reforça a concepção positivista encontrada nas ideias desse enciclopedista do século XIX, dando à gramática o reconhecimento de um texto científico por parte de seus leitores. Quanto a Duarte Nunes Leão, esse gramático tem “como referência a língua latina e o uso correto da língua vernácula, como expressão da identidade nacional portuguesa, e rompe com os trabalhos gramaticais de seus contemporâneos.” (BASTOS; PALMA, 2017, p. 35). As autoras, Bastos e Palma, fizeram um estudo sobre *A Origem da Língua Portuguesa* (1606) de Leão, analisando a estrutura, dedicatória e capítulos da gramática e constataram que trata-se de uma obra de caráter inovador e de continuidade à tradição greco-latina presente na gramatografia portuguesa dos séculos XVI e XVII.

Buscar essas informações é como exercer a tarefa de ‘escavar’ para recolher o material a ser analisado e construir uma narrativa do conhecimento linguístico que se formou nesse recorte epistemológico em que o autor se inseriu. Esses dados permitem ao pesquisador interpretar mais profundamente o texto antigo, que aqui se faz à luz da Historiografia Linguística. Koerner propõe uma metodologia adequada para se fazer esse tipo de interpretação, em nosso caso, trabalhamos nas páginas iniciais da gramática de Júlio Ribeiro e encontramos um terreno de farto estudo sobre o pensamento gramatical do autor com base em seus estudos nas línguas europeias. As teses de Koerner definem alguns princípios que norteiam o ato de historiografar. Essa tarefa, semelhante à do arqueólogo, que nos propusemos seguir, sintetiza-se em três princípios, o da contextualização, da imanência e da adequação. Ao aplicá-los em nosso trabalho, partimos do primeiro, em que se deve observar o “clima de opinião” da época investigada, ou seja, final do século XIX. Nesse sentido, é preciso estar atento a algumas questões, tais como: ‘Quais autores Ribeiro mencionava em seu texto?’, ‘Que momento da história intelectual a sociedade da época vivia?’ ‘Quais personalidades o autor prestigiava?’. Para buscar essas e outras respostas, necessário se faz ater-se às notas de rodapé, conhecer autores e obras citados, sentir o ‘clima de opinião’, ou seja, conhecer o pensamento filosófico, artístico, político e cultural, do fim do século XIX.

No prefácio da gramática, Ribeiro introduz suas concepções sobre o ‘sistema de sintaxe’ como ‘o sistema germânico de Becker’ e diz ‘modificado e introduzido na Inglaterra por C. P. Mason e adotado por Whitney, por Bain e por Homes. Whitney buscava entender a origem da linguagem humana, seus estudos pautavam-se em órbita paradigmática das

leis fonéticas universais e sua obra é reconhecida como a que deu surgimento à linguística geral³⁵.

As ideias inovadoras que Júlio Ribeiro apresenta em sua gramatização resultado da influência doutrinatória que ele experimentou em sua formação intelectual, debruçando-se nos estudos comparativistas. Um dos nomes citados no prefácio da *grammatica portugueza* é Whitney, que “assim como Max Müller, utilizou o método comparativo como pilar de sua teoria acerca da origem da linguagem humana” (CAVALIERE, 2000, p. 83). Em sua obra *The life and growth of language*, ele apresenta o estudo histórico-comparativo e considera a linguagem humana como fenômeno social. Milani (2000) aborda em sua tese as seguintes informações sobre o neogramático:

Ele nasceu durante o auge do Romantismo e foi educado pelo pensamento da Gramática Comparada. A parte mais importante de sua obra está situada entre 1850 e 1875, período em que o Cientificismo como fato social atingia todos os pensadores e, na literatura, o Realismo ganhava forma repudiando a fantasia e a ingenuidade idealizada dos românticos, preocupando-se essencialmente com o presente e o materialismo. Como neogramático, Whitney teve todos os comparatistas como fonte de pesquisa. Sua obra teve como uma das fontes básicas a obra linguística de Humboldt. (MILANI, 2000, p. 13)

O cientificismo presente em Whitney é acolhido por Ribeiro, gramático brasileiro que como ele bem disse não “se poupou a trabalho”, trouxe novos rumos à gramaticografia brasileira com o objetivo de descrever os fatos linguísticos com base nos estudos mais recentes de sua época, conforme assevera Cavaliere:

Com a chegada do paradigma histórico-comparativo às páginas gramaticais brasileiras, cujo pioneirismo se atribui à Gramática portuguesa (1911 [1881]) por Júlio Ribeiro (1845–1890), o propósito eminentemente pedagógico das gramáticas cede espaço para publicações de caráter bivalente, a um tempo prescritivas e descritivas, visto que a nova visão com que se buscava enxergar o fenômeno da linguagem humana impunha uma postura dita “científica”, em que o escopo de ensinar a norma linguística-padrão irmanava-se ao de descrever as regras de funcionamento da língua. (CAVALIERE, 2016, p. 96)

Essas afirmações nos autorizam dizer que Ribeiro representava para o Brasil, já em sua época, uma figura extraordinária, pessoa que detinha de um vasto conhecimento linguístico, com vistas largas para o

³⁵ Segundo Cavaliere (2000), Mattoso Camara atribuiu a Whitney essa notoriedade.

mundo científico. Ele foi a afirmação do saber metalinguístico disponível para a população brasileira.

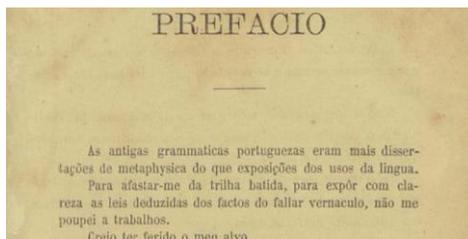
Com intuito de prosseguir na leitura historiográfica da página em estudo, observamos que a edição da gramática é a segunda, e, na parte central da folha de rosto, abaixo das epígrafes, escreve-se *refundida e aumentada*. Analisamos a escolha desses adjetivos e notamos que a intenção foi dar crédito à obra, como uma produção inédita e não, meramente, uma reprodução da primeira edição, pois certamente (subentende-se) é neste livro que o leitor encontrará um conteúdo ampliado e com reformulações que fazem da obra um compêndio insubstituível em termos de gramática.

Na próxima informação a examinar, temos os editores Teixeira e irmão e o ano de publicação da obra, 1885, em São Paulo. Segundo Pina (2015), a atividade editorial dos irmãos portugueses Antônio Maria e José Joaquim Teixeira é frequentemente citada nos estudos sobre história do livro impresso em São Paulo no final do século XIX. A autora destaca que eles foram os primeiros editores da obra “A carne” de Júlio Ribeiro, dentre outras celebridades. Continuou seu trabalho na edição de livros até o início do século XXI, passando por várias gerações acompanhando o desenvolvimento do mercado livreiro da cidade de São Paulo.

O ano de edição é uma época de muitos conflitos no Brasil. Época do período científico, que corresponde aos anos de 1881 a 1941 (CAVALIERE, 2002, p. 111). Momento este, em que ocorrem muitas transformações culturais, sociais, econômicas, políticas e históricas, no país, por exemplo, a abolição da escravatura em 1888, a Proclamação da República em 1889, os fluxos migratórios de estrangeiros, além de diversas mudanças, sobretudo educacionais, momento em que D. João VI inicia o processo de desenvolvimento intelectual no país, que se estende ao período imperial, posteriormente. Como se pode notar, o ‘clima de opinião’ da época dessa gramática foi conturbado, no entanto, Ribeiro trabalhou intensivamente, como ele mesmo disse ‘não me poupei a esforços’. Segundo Cavaliere (2016), Ribeiro, surpreendentemente, antes da primeira edição da *Grammatica portugueza*, apresentou uma obra intitulada *Traços gerais de linguística*, abeberando-se de fontes estrangeiras da linguística comparativa, de Bopp, Schleicher, Grimm, Max Müller, Bréal, Friedrich Diez, dos portugueses Teófilo Braga e Adolfo Coelho e um brasileiro, Pacheco da Silva Junior, autores, como já dissemos, que reforçam o compromisso acadêmico e intelectual que tinha com os leitores de suas obras.

4. Leitura do Prefácio

Figura 3: Parte inicial do prefácio da gramática (Parte I).

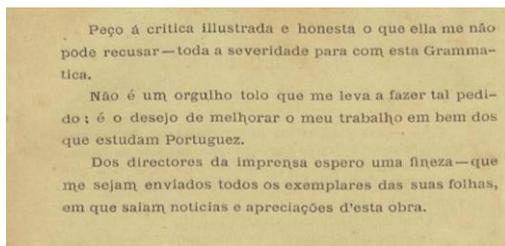


Fonte: Júlio Ribeiro (1885).

A partir da atenta leitura da parte inicial do prefácio (figura 1), percebe-se que Júlio Ribeiro se coloca em posição de distanciamento das teorias vigentes, ‘trilha batida’ portanto, lança aquela que concebeu nas leituras e estudos que representam o que existe de mais inovador em seu campo de estudo, ou seja, a língua como organismo vivo, uma nova forma de pensar os fatos linguísticos. Com essa nova tendência, as ‘gramáticas antigas’, aquelas das teses filosóficas, são definidas pelo autor como ‘dissertações de metaphysica’. E esclarece seu objetivo que é ‘expor com clareza as leis deduzidas dos factos do falar vernaculo’.

Não obstante, seu trabalho tenha sido árduo para dar conta de algo tão dessemelhante, diz ‘Creio ter ferido meu alvo’. Não há dúvida de que ele estava na trilha certa que o levaria a uma posição de prestígio, de gramático conceituado entre seus pares, não somente em sua época como ao longo dos anos.

Figura 4: Prefácio (Parte II).

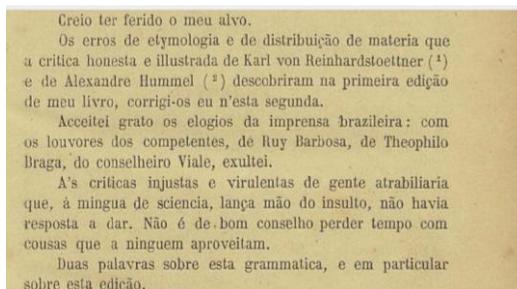


Fonte: Júlio Ribeiro (1885)

Reforça-se, nesses dizeres, o quão seguro estava Ribeiro de suas ideias, mostrando seu texto para quem desejasse criticar. Quando diz ‘toda severidade para com esta Grammatica’ seja dada, demonstra estar seguro de suas teses. Ele faz um pedido àqueles que queiram criticá-lo, porque é seu ‘desejo de melhorar’, mas que as críticas sejam daqueles que conheçam o português. Deseja que as notícias de apreciação de sua gramática lhe sejam enviadas.

Havia uma prática muito comum na época, em que os escritores, em geral, tomavam conhecimento, por meio das notícias dos principais jornais da cidade, sobre comentários ou dúvidas enviados a respeito das obras publicadas por eles. A imprensa fazia críticas e apreciações dessas publicações.

Figura 5: Prefácio (Parte III).



Creio ter ferido o meu alvo.

Os erros de etymologia e de distribuição de materia que a crítica honesta e illustrada de Karl von Reinhardstoettner ⁽¹⁾ e de Alexandre Hummel ⁽²⁾ descobriram na primeira edição de meu livro, corrigi-os em n'esta segunda.

Acceptei grato os elogios da imprensa brasileira: com os louvores dos competentes, de Ruy Barbosa, de Theophilo Braga, do conselheiro Viale, exultei.

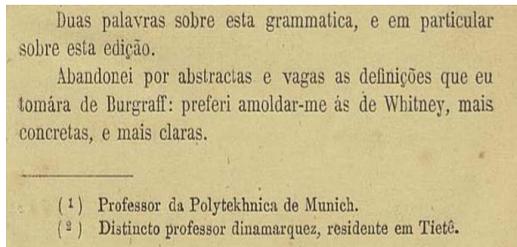
A's críticas injustas e virulentas de gente atrabiliaria que, à mingua de sciencia, lança mão do insulto, não havia resposta a dar. Não é de bom conselho perder tempo com cousas que a ninguém aproveitam.

Duas palavras sobre esta grammatica, e em particular sobre esta edição.

Fonte: Júlio Ribeiro (1885).

4.1. As novas tendências das notas de rodapé

Figura 6: Prefácio (Parte IV).



Duas palavras sobre esta grammatica, e em particular sobre esta edição.

Abandonei por abstractas e vagas as definições que eu tomára de Burgraff: preferi amoldar-me ás de Whitney, mais concretas, e mais claras.

(1) Professor da Polytekhnica de Munich.

(2) Distincto professor dinamarquez, residente em Tietê.

Fonte: Júlio Ribeiro (1885).

Ao dizer “Abandonei por abstratas e vagas as definições que eu tomara de Burgraff: preferi amoldar-me às de Whitney”, Ribeiro inscreve-se no modelo científico do saber gramatical. Burgraff era gramático francês da corrente racionalista. Não somente neste trecho, mas em outros fragmentos ele também enfatiza o seu distanciamento das doutrinas filosóficas, as que são pautadas na gramática (1822) de Jeronimo Soares Barbosa, ideias que foram abandonadas para percorrer uma nova trilha, a científica.

Ribeiro estreia uma nova tendência, atestando, por meio das notas de rodapé, as origens dos textos e autores aos quais se referia. Esse novo modelo de citação garantia a autenticidade e legitimidade às colocações dele, influenciando os trabalhos posteriores.

Na página seguinte do prefácio, ele continua apresentando as doutrinas em que se pautou para expor os fatos linguísticos, o sistema sintático adotado era fruto de estudos ‘do sistema germânico de Becker’ que foi modificado e introduzido por Mason e adotado por Whitney, por Bain e por Holmes. Seu modo de expor, diz ele, ‘a ordem que segui em distribuir as matérias’ afirma que ‘é de Bain’, de quem “absorve o minucioso modelo de apresentação da teoria gramatical, mediante visão binária em lexeologia e sintaxe. (CAVALIERE, 2000, p. 54).

Mais adiante, Ribeiro acrescenta que, ao publicar em 1881 a primeira edição de sua gramática, ‘ainda não tinha visto a *Higher English Grammar*’, ou seja, ainda não estava a par das correntes mais recentes. A partir da segunda edição da Gramática portuguesa, Ribeiro envolvia-se na nova tendência e seu intuito era introduzi-la no Brasil, como o fez. Suas ideias iam de encontro às de Whitney, ou seja, ele já perseguia doutrinas de cunho científico, seguindo o método de análise gramatical da língua como um organismo vivo. As teses do evolucionismo linguístico, que buscava explicar a natureza das línguas a par das teorias darwinistas, foram estudos realizados por Ribeiro, que esteve em contato com o naturalismo linguístico, principalmente, por meio de Max Müller, discípulo de Schleicher.

Ribeiro também faz referência aos textos de Bailly e Bain, sobre suas abordagens linguísticas (a divisão gramatical em lexiologia, taxionomia e campenomia) e menciona dois importantes gramáticos portugueses, Paulino de Sousa e Theophilo Braga. Faz um elogio a Adolpho Coelho: “quem poderá escrever hoje sobre philologia portuguesa sem toma-

lo por guia, sem se ver forçado a copia-lo a cada passo?”[sic] (RIBEIRO, 1885, p. III).

Ao final do prefácio, ele apresenta ‘os louvores de três homens venerandos’, Rui Barbosa, o conselheiro Viale e André Lefèvre. As palavras de elogios, feitos sobre a gramática de Ribeiro, servem para dar ainda mais credibilidade à obra, pois esses ‘homens venerandos’ representavam a elite letrada, conhecedora da língua.

5. *Considerações finais*

As breves colocações feitas neste trabalho abarcam, parcialmente, as inúmeras questões que o texto das páginas iniciais da *Grammatica Portugueza* de Júlio Ribeiro proporciona. As exposições feitas são breves descrições que esboçam, sutilmente, uma leitura de teor historiográfico de alguns fragmentos da obra, objeto de estudo de incansáveis pesquisadores no campo linguístico.

Creemos, portanto, que produzimos uma pequena mostra da atividade historiográfica, com esse ‘movimento semelhante ao do arqueólogo’ podemos compreender os estudos do passado linguístico para interpretar melhor o pensamento do presente.

Há muito o que se aprender e se pesquisar sobre Júlio Ribeiro. Atestamos, em seus textos, a veracidade de suas palavras ‘não me poupei a trabalhos’, resta-nos seguir seu exemplo de perseguir incansavelmente o objetivo que pretendemos, seja contribuir de forma adjetiva, seja ampliar o conhecimento linguístico, ou buscar soluções para os hiatos que se formaram ao longo dos anos nos estudos gramaticais brasileiros e permaneceram nos dias de hoje. Se Júlio Ribeiro mudou os rumos do pensamento gramatical de sua época, deixando um legado de tão vasto conhecimento para o português brasileiro, quando definiu a gramática como “a exposição metódica dos fatos da linguagem” (RIBEIRO, 1885, p. 1), não o fez para que fosse esquecido. Cabe entender que esse legado deve ter seu merecido lugar na história do saber linguístico e servir de contributo para a ampliação do conhecimento atual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Trad. de Eni Puccinelli Orlandi São Paulo: UNICAMP, 2009.

BARBOSA BASTOS, Neusa Maria Oliveira; BATISTA, Ronaldo de Oliveira. Entre a História e a Ciência: a constituição da historiografia da Linguística como área de pesquisa e ensino nos estudos sobre a linguagem. In: _____. *Rumos da linguística brasileira no século XXI*. São Paulo: Blucher, 2016. p. 57-72 (DOI 10.5151/9788580391824-03)

BARBOSA BASTOS, Neusa Maria Oliveira; PALMA, Dieli Vesaro. As ideias linguísticas de Duarte Nunes do Leão: contribuições à gramaticografia em língua portuguesa. *Confluência*, [s.l.], p. 35-56, dec. 2017. Disponível em: <http://lp.bibliopolis.info/confluencia/rc/index.php/rc/article/view/221/123>. Acesso em: 30 Nov. 2020. doi: <http://dx.doi.org/10.18364/rc.v2i53.221>.

CAVALIERE, Ricardo Stavola. Um passo inaugural da linguística teórica no Brasil. *Todas as Letras*, São Paulo, Edição Especial, p. 95-110, 2016. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/9978/6378>. Acesso em: 29 de jan. 2020.

_____. Uma proposta de periodização dos estudos linguísticos no Brasil. *Confluência: Revista do Instituto de Língua Portuguesa*, n. 23, p. 102-20, Rio de Janeiro, 1º sem. 2002.

_____. Gramaticografia da língua portuguesa no Brasil: tradição e inovação. *Limite: Revista de Estudios Portugueses y de la Lusofonía*. Universidade de Extremadura. n. 6, p. 217-36, 2012. Disponível em: <http://www.revistalimite.es/volumen%206/11cava.pdf>. Acesso em: 19 de out. 2019.

_____. *A gramática no Brasil: ideias, percursos e parâmetros*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2014.

MARINS, Anderson Rodrigues. *A visão sintática de Júlio Ribeiro*. *Soletras*, Ano XI n. 21, p. 30-8, São Gonçalo, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/5292> doi: <https://doi.org/10.12957/soletras.2011.5292>. Acesso em: 29 de jan. 2020.

KOERNER, Ernst Frideryk. *Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados*. Vila Real: Prefácio de Carlos Assunção, sel. e ed. textos Rolf Kemmler e Cristina Altman, UTAD, 2014.

_____. Questões de persistem em historiografia linguística. *Revista da ANPOLL*, n. 2, p. 47-70, 1996.

MILANI, Sebastião Elias. *Humboldt, Whitney e Saussure: romantismo e cientificismo-simbolismo na história da Linguística*. São Paulo-SP. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, 2000. Disponível em: https://portais.ufg.br/up/156/o/2000_sebasti_o_2011.pdf. Acesso em: 31 de jan. 2020.

PINA, Paulo Simões de Almeida. *Uma história de Saltimbancos: os irmãos Teixeira, o comércio e a edição de livros em São Paulo, entre 1876 e 1929*. 2015. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. (Doi:10.11606/D.8.2016.tde-16032016-140819)

RIBEIRO, Júlio. *Grammatica portugueza*. 2. ed. São Paulo: Teixeira & Irmão, 1885.

_____. *Questão grammatical*. São Paulo: TYP. J. Lousada & Comp., 1887.

SILVA, Mauricio. Júlio Ribeiro polemista: um capítulo da história das querelas linguísticas no Brasil. *Polifonia*, v. 22, n. 1, p. 34-74, Cuiabá, 2010.